
A GEOGRAFIA E OS ESPORTES: UMA PEQUENA AGENDA E AMPLOS HORIZONTES

Gilmar Mascarenhas de Jesus

Resumo

Os esportes vêm adquirindo magnitude crescente na atualidade, despertando a atenção de diversos ramos da produção científica. A geografia, movida por suas transformações recentes, começa a se debruçar sobre este rico e vasto campo de investigação, disposta a oferecer uma contribuição e um “olhar” peculiares. No Brasil, ainda é incipiente a investida de geógrafos sobre os esportes, de forma que o presente artigo pretende apresentar um pequeno conjunto de temas como sugestão de trabalhos futuros. Por outro lado, no sentido de argumentar a favor da viabilidade de uma geografia dos esportes, pretende-se também discutir os nexos entre a análise geográfica e o domínio esportivo, tomando este como fato empírico e como problematização teórico-conceitual.

Palavras-Chave

Geografia; Esportes; Transdisciplinaridade.

Abstract

Nowadays, sports are becoming increasingly important, raising attention in several fields of academic production. Geography, pushed by its recent transformation, started to study this rich and vast field of research, trying to offer special view and contribution. In Brazil, few geographers have dealt with the subject, in such way that this article intends to suggest a small set of themes for future works. On the other hand, looking for to defend the viability of Sports Geography, we also wish to discuss the links between geographical analysis and the realm of sports, taking the latter as an empirical fact and as theoretical and conceptual problematisation.

Key-Words

Geography; Sports; Transdisciplinarity.

INTRODUÇÃO

É bastante compreensível a reação de estranhamento provocada em quem se depara pela primeira vez com o “inusitado” casamento entre os esportes e a geografia. Para os geógrafos e demais profissionais que não lidam diretamente com a prática esportiva, os esportes evocam sobretudo questões relacionadas à performance dos atletas, preparação física e treinamento, regras, táticas e as atuais discussões éticas e jurídicas sobre “doping”. De fato, nada disso tem relação direta com a dinâmica espacial ou outras questões centrais em geografia. Por outro lado, muitos dos estudiosos do fenômeno esportivo tendem a ver a geografia como a velha disciplina escolar voltada à memorização entediante dos acidentes físicos e humanos na paisagem, além de outras preocupações pouco estimulantes como intermináveis listas de topônimos, índices pluviométricos, indicadores demográficos, extensas pautas de exportações, etc.

A geografia vem sofrendo uma grande transformação nas últimas décadas, cuja profundidade e teor não cabem nos limites deste artigo. No Brasil, vale registrar a rica contribuição de Milton Santos (cuja amplitude também não cabe aqui), que vem colaborando no revigoreamento e renovação teórico-conceitual desta disciplina. Em síntese, Santos vem há décadas investindo na teorização do espaço geográfico a partir dos sistemas técnicos e da dialética da totalidade em suas diferentes escalas espaço-temporais, insistindo na natureza “ativa” do espaço frente à dinâmica da sociedade: o espaço como condicionante para a ação humana, impondo “barreiras” ou oferecendo “atrativos”, e não como mero palco passivo do acontecer social.¹ Seguindo orientação teórica distinta porém investindo nesta mesma linha de valorização do papel ativo do espaço na vida social, outro famoso geógrafo² afirma que em nenhuma outra era a dimensão espacial foi tão relevante em nossas vidas como na pós-modernidade.

Pensamos também em Denis Cosgrove,³ que nos alerta para uma nova geografia que ultrapassa os limites de um funcionalismo utilitário de forças demográfico-econômicas para operar com outras lógicas e motivações humanas, que produzem paisagens repletas de significados. Nesta esteira de amplos horizontes aberta por pensadores de uma nova geografia é que procuramos introduzir os esportes na reflexão e análise geográficas.

Acreditamos que existem nexos claros entre esta nova geografia e determinados campos/linhas de

¹ O filósofo Henri Lefebvre foi o primeiro a constatar radicalmente o desprezo por parte do materialismo histórico e dialético pela categoria “espaço” em favor do “tempo”, e procurou sistematicamente (em vastíssima obra) elaborar toda uma teorização de base marxista destacando a dimensão espacial da sociedade. Também Michel Foucault (*Microfísica do Poder*, p. 158) enfatizou a espacialidade das formas de poder e considerou esta “obsessão espacial” fundamental em suas descobertas. Por fim, Soja (*Geografias Pós-modernas*, p. 22) afirma que a teoria social crítica tendeu sempre a privilegiar o tempo pois neste residia supostamente o potencial revolucionário e emancipador da ação humana: “uma geografia já pronta prepara o cenário, enquanto uma ação intencional da história dita a ação e define o roteiro”.

² SOJA, E. *Thirdspaces*.

³ COSGROVE, D. *A Geografia está em toda a parte*, pp. 96-7.

investigação dos esportes. Os estudiosos que tratam o fenômeno esportivo numa perspectiva mais ampla (em particular os que se ocupam da “esportivização da sociedade” ou “constituição do esporte moderno”) vêm conduzindo suas reflexões a partir de diversas matrizes teórico-metodológicas, mas sem dúvida há que se destacar nestas o peso de dois pensadores: Norbert Elias e Pierre Bourdieu.⁴ Conceitos centrais como *configuração* (Elias) e *produção da demanda esportiva* (Bourdieu) requerem necessariamente um esforço de contextualização das práticas corporais, e supomos que este contexto envolve também as bases espaciais (localização, organização e dinâmica do território, etc), sob as quais determinada sociedade existe e se move.

E assim, o presente texto trata de levantar questões em torno da natureza “geográfica” da prática esportiva, isto é, apresentar aspectos que evidenciam a possibilidade da abordagem geográfica dos esportes. Pretendemos simultaneamente apontar algumas possibilidades de tratamento geográfico do fenômeno esportivo, esboçando uma pequena agenda de trabalho, muito longe porém de esgotar o amplo conjunto de problematizações viáveis.

Devemos salientar que, devido a uma trajetória pessoal de dedicação à geografia urbana, grande parte dos “nexos” e das propostas de investigação se dirigem ao espaço urbano. E também que o futebol acabou sendo ligeiramente privilegiado no conjunto das modalidades esportivas, não apenas por seu amplo significado na cultura brasileira mas também por se tratar de tema de tese em desenvolvimento.⁵

E queremos, ainda, mencionar o fato de termos apresentado uma proposta (já aprovada pelo Departamento de Geografia da UERJ) de criação de uma cadeira eletiva denominada “geografia dos esportes”, que sintetiza toda uma perspectiva de tratamento do tema em pauta, e que auxiliará na visualização do conteúdo geral deste “novo”⁶ campo de investigações em geografia.

AS BASES GEOGRÁFICAS DOS ESPORTES MODERNOS

Os esportes, enquanto fenômeno social, se realizam a partir de determinadas condições históricas e geográficas, ainda que este último conjunto de condições nem sempre seja reconhecido. Huizinga faz uma única alusão significativa à base espacial ao tratar do advento dos esportes modernos na Inglaterra:

⁴ Cf. CLÉMENT, J.P. *Contributions of the sociology of Pierre Bourdieu to the sociology of sport*; GEBARA, A. *Norbert Elias e Bourdieu: novas abordagens, novos temas*.

⁵ No momento, estamos elaborando uma tese de doutoramento em Geografia Humana na USP, sob orientação de Odette Seabra, sobre aspectos da espacialidade do futebol na urbanização brasileira, concentrando o foco empírico no Rio Grande do Sul.

⁶ O adjetivo “novo” vale aqui para diversos países, com exceção garantida para, pelo menos, Estados Unidos, Inglaterra e França.

(...) a geografia do país e a natureza do terreno, predominantemente plano e oferecendo em toda a parte os melhores campos de jogo nos prados comunitários, os commons, também tiveram a maior importância. Foi assim que a Inglaterra se tornou o berço e o centro da moderna vida esportiva.⁷

Consultando trabalhos recentes realizados no Brasil, podemos verificar em alguns deles o reconhecimento da importância do que aqui chamamos de “base geográfica” no entendimento do fenômeno esportivo. Ricardo Lucena,⁸ por exemplo, vislumbrou no processo de transformações espaciais da cidade de Vitória os conteúdos de modernização que resultaram em ambiente propício ao advento da prática esportiva. Marilita Rodrigues⁹ segue caminho semelhante para identificar na “geografia segregacionista e disciplinadora” da Belo Horizonte moderna os “lugares” e momentos da vida esportiva local.¹⁰ Operando na escala regional, Fernando Mezzadri¹¹ explica o desenvolvimento esportivo paranaense levando em conta a evolução do território: de zona de passagem à expansão cafeeira e posterior urbanização.

As vinculações do esporte com a base territorial vêm de tempos remotos. Norbert Elias sugeriu que os esportes modernos são muitas vezes herdeiros de antigas tradições lúdicas (consagradas na literatura como *folkgames*), que sofreram uma progressiva *esportivização* no âmbito do processo civilizador. Queremos acreditar que, neste sentido, muitas modalidades esportivas tendem a resgatar e a redefinir certas relações que há séculos o homem estabelece com a natureza, não apenas lúdicas, mas também de trabalho. Algumas atividades humanas que no passado tiveram significado de luta pela sobrevivência (busca de alimentos, fuga do perigo, etc.) parecem ter sido “reinventadas” com conotação lúdica e competitiva, tornando-se modalidades esportivas. É o caso, supostamente, do alpinismo, da natação, das regatas, do surfe, do hipismo, da esgrima, do arco & flecha, da própria corrida, das várias formas de luta corporal, entre tantas outras modalidades esportivas baseadas no empenho individual em superar desafios impostos pelas forças da natureza, tais como a gravidade, a pressão do ar, a dinâmica das águas, o domínio de animais, etc. O conhecimento e manejo dos elementos da natureza compõem, em cada região, um amplo acervo cultural, e parece-nos razoável pensar que possivelmente os diferentes “gêneros de vida” e as diferentes paisagens naturais forneceram certas bases para diversas modalidades esportivas do mundo atual.¹²

⁷ HUIZINGA, J. *Homo Ludens*, p. 219.

⁸ LUCENA, R. *Sobre a cidade ou próximo a ela*.

⁹ RODRIGUES, M. *A cidade e o esporte: uma relação na história de Belo Horizonte*.

¹⁰ Em *Os esportes e os espaços públicos na Belle Époque carioca*, tratando do caso do Rio de Janeiro, também investimos nesta promissora linha de reflexão sobre as relações entre a modernização urbana e o advento dos esportes modernos no Brasil.

¹¹ MEZZADRI, F. *A formação da sociedade paranaense e sua relação com o esporte*.

¹² Quanto ao conceito de “gêneros de vida”, cumpre esclarecer que trata-se de uma importante noção clássica em geografia, que recobre o conjunto particular de relações que o homem estabelece com o meio em determinada região. Sobre as paisagens naturais, interessante consultar pelo menos o caso do golfe, cuja

Esta evidente relação com o quadro natural sugere um amplo caminho de investigações geográficas. Uma delas é estudar a dimensão “ecológica” de cada modalidade esportiva, desde sua origem aos impactos ambientais atuais. O geógrafo enquanto agente de planejamento territorial pode, a partir de um diagnóstico socioambiental, ajudar a estabelecer as áreas mais apropriadas para a prática de cada esporte, minimizando assim impactos negativos ao meio ambiente. A expansão recente dos chamados “esportes radicais”,¹³ por exemplo, demanda sobremaneira tal estudo, posto que muitas vezes tais atividades procuram a aventura em áreas de natureza praticamente intocada (montanhas, alto curso de rios e mesmo desertos), tendendo a causar impactos significativos, sobretudo quando promovem eventos cuja divulgação visa atrair maior fluxo de visitantes, já no âmbito do turismo esportivo. Augustin¹⁴ chama a atenção para o caráter de “incerteza/indefinição territorial” destes novos esportes de aventura, vistos como atividades de difícil controle/planejamento e conseqüentemente de maior potencial de danos à natureza e à sociedade. Por outro lado, Rita Fernandes¹⁵ nos lembra que se trata de espetáculos esportivos destinados quase exclusivamente ao público telespectador, o que minimiza o afluxo de espectadores diretos e conseqüentemente (supomos) reduz os impactos ambientais nos locais escolhidos por estas modalidades para a realização de eventos.

No que tange à configuração territorial, isto é, ao arranjo sistêmico-funcional dos objetos geográficos¹⁶ no território, os esportes merecem a observação cuidadosa dos geógrafos, posto que sua prática implica transformações significativas na forma e na dinâmica territoriais. Basicamente, o esporte deve ser encarado como uma atividade econômica, particularmente quando realizado em caráter oficial, de competição, e oferecido à sociedade (público espectador) como um artigo de consumo. Enquanto atividade econômica voltada para o entretenimento comercializado,¹⁷ o esporte precisa ser oferecido em lugares apropriados. São estádios, ginásios, pistas diversas, enfim, um amplo conjunto de equipamentos fixos na paisagem e geralmente de grande porte físico, o que resulta em maior capacidade de

origem escocesa guarda estreita relação com a paisagem natural da região centro-leste daquele país: topografia suavemente ondulada, cobertura vegetal de gramíneas de tipo macio, solos bem drenados e concavidades naturais (ver BALE, J. *Space, Place and Body Culture*, p. 154). Ou ainda a antigüidade da prática de esqui em regiões de clima frio acentuado: na Suécia, há vestígios de objetos utilizados pelo homem para deslizar sobre a neve que datam de aproximadamente 320 anos antes da era cristã (SÖRLIN, S. *Nature, skiing and swedish nationalism*, p. 147).

¹³ Rafting, vôo livre, *wakeboarding*, mergulho, alpinismo, mountain bike, é longa e sobretudo indefinida a lista de modalidades que são socialmente encaradas como esportes radicais – terminologia imprecisa e tema pouco estudado. Cf. FERNANDES, R. de C. *Esportes radicais: referências para um estudo acadêmico*, p. 96.

¹⁴ AUGUSTIN, J.P. *Les territoires incertains du sport*.

¹⁵ FERNANDES, R. de C. op. cit.

¹⁶ Milton Santos usa largamente o conceito de objeto geográfico como elemento da materialidade historicamente construída ou apropriada (quando natureza) pelo trabalho humano. De forma que “No princípio tudo eram coisas, enquanto hoje tudo tende a ser objeto, já que as próprias coisas, dádivas da natureza, quando utilizadas pelos homens a partir de um conjunto de intenções sociais, passam, também, a ser objetos” SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*, p. 53.

¹⁷ O processo de mercantilização/espetacularização do fato esportivo, algo que tende com potência crescente a afetar a própria natureza e organização dos esportes na atualidade, é discutido por GRATON, C. *The economics of modern sport*, PRONI, M. W. *Marketing e organização esportiva*, e AUGUSTIN, J.P. *D'un stade à l'autre: le rugby français entre culture local et spectacle mondial*.

CONEXÕES: revista da faculdade de Educação Física da UNICAMP, v. 1, n. 2 p. 47-61, dez. 1999.

ISSN: 1983-930

permanência. São também objetos de grande visibilidade na paisagem urbana, comparecendo assiduamente no repertório imagético da sociedade, como por exemplo nos mapas mentais, aqueles que procuram sintetizar a percepção humana em uma cartografia subjetiva, calcada em sentimentos do homem comum diante dos lugares.¹⁸

Tais objetos, além de se apresentarem freqüentemente como paisagem durável (decorrente do grande investimento necessário para edificação) e ampla visibilidade (decorrente do porte físico), podem ainda constituir importante centralidade física e simbólica no interior do espaço urbano. Os grandes estádios, por exemplo, são planejados de forma a facilitar o grande fluxo de espectadores em dias de importantes eventos, quando o longo silêncio das estruturas de concreto armado cede lugar ao delírio da multidão. Desta maneira, tendem a se inserir em áreas bem servidas de meios e vias de transporte,¹⁹ ou ainda, segundo tendência mais recente, localizar-se fora da área mais densamente urbanizada, de modo que o próprio equipamento crie a demanda de investimentos de melhoria da acessibilidade. Neste caso, não diferem de outros grandes objetos geográficos detentores de poder de reorganizar a base territorial circundante, como os modernos *shopping centers*. Os grandes estádios de futebol cumprem papel relevante na reprodução social urbana no Brasil, onde o “calendário futebolístico demarca os tempos e os horizontes da vida cotidiana”.²⁰ Em suma, os esportes produzem uma paisagem própria, e esta estabelece um diálogo constante com a sociedade e com o entorno. Afetam o espaço geográfico e são também por ele afetados. Esta é a tônica do central do breve conjunto de sugestões temáticas que apresentamos a seguir.

HORIZONTES DE INVESTIGAÇÃO

Os equipamentos esportivos afetam diretamente a dinâmica urbana, cada um segundo uma lógica locacional e uma forma espacial que deriva da própria modalidade esportiva que o criou. Por constituir esporte de elite, e por consumir extensas áreas que mantêm-se verdes e silenciosas, o golf por exemplo produz campos que notavelmente valorizam os terrenos vizinhos. John Bale estima que no Reino Unido (onde tais campos de “monocultura” ocupam preciosos 80 mil hectares de terra) a presença de campos de

¹⁸ BALE, J. *Sports geography*.

¹⁹ Um belo exemplo é o estádio Mário Filho, o Maracanã, inaugurado no Rio de Janeiro em 1950, cuja decisão locacional privilegiou a acessibilidade (a ferrovia e o corredor viário que a margeia), além de situar-se, à época, em ponto relativamente equidistante entre as zonas norte e sul da cidade. O futebol pode, assim, ser visto como atividade que gera pontos de grande conectividade na malha territorial. No Brasil, um estudo sobre a difusão do futebol a partir de redes de infra-estrutura do território foi realizado por Gilmar M. de Jesus (*Fútbol y modernidad urbana e Construindo a pátria de chuteiras*), salientado a “seletividade” do território em relação à incorporação do sedutor produto inglês.

²⁰ JESUS, G. M. *Construindo a pátria de chuteiras*.

golf valorizam em média as propriedades mais próximas em cerca de 10%.²¹ O geógrafo norte-americano Bob Adams acredita que em muitos casos campos de golf são criados mais por finalidades de valorização fundiária que propriamente para a prática esportiva.²² No Rio de Janeiro, valeria a pena investigar o caso do Gavea Golf Club, situado no bairro de São Conrado: os interesses envolvidos no projeto, seu impacto no uso e valorização do entorno, e outros aspectos.

Também os hipódromos tornaram-se equipamentos vistos como externalidade positiva no mercado imobiliário. Até meados do século XVIII, entretanto, as corridas de cavalo na Europa se realizavam geralmente em rústicas pistas providas apenas de cercas para aglomerar em pé os poucos curiosos e apostadores, em áreas mais afastadas do centro urbano. O crescimento das cidades e a expansão da indústria do espetáculo esportivo (venda de ingressos) propiciaram melhorias materiais significativas nesta paisagem, como a construção de arquibancadas e pavilhões sociais, que produziram o moderno hipódromo. E por fim, a famosa reforma do Barão de Haussmann em Paris emprestou “glamour” ao turfê, ao edificar no Bois de Boulogne o belíssimo e imponente hipódromo de Antenil.²³ Desde então, quase todas as grandes cidades que desejaram viver plenamente a *belle époque* dedicaram um lugar especial (junto aos bairros de elite) à construção de um majestoso hipódromo.

No Rio de Janeiro, a trajetória espacial deste equipamento não fugiu à regra, espelhando aliás muito bem as profundas transformações urbanas decorrentes do advento da modernidade. Em 1850 já existe no Rio de Janeiro uma pista situada entre Benfica e a Quinta da Boa Vista, onde se realizam espetáculos turfistas com movimento de apostas, promovidos por ricos comerciantes, eles mesmos proprietários dos cavalos. A atividade rapidamente evolui, e no ano de 1868 se edifica por iniciativa privada um verdadeiro hipódromo (pista dotada de arquibancadas), o outrora famoso Prado Fluminense, próximo à estação ferroviária de São Francisco Xavier. Mas já se iniciava neste momento o processo de valorização da orla (via difusão do banho de mar) que começa a alterar no mapa da cidade a distribuição das classes sociais e das benesses do poder público. No final do século XIX, o outrora aristocrático arrabalde de São Cristóvão já perdera para Botafogo a condição de opção residencial para privilegiados, que por sua vez o perderá em breve para Copacabana. E assim, no início do século XX, está bem delineada no Rio de Janeiro uma segregação residencial que estabelece toda a zona sul como área nobre, tornando o majestoso Prado Fluminense um ornamento geograficamente deslocado. E assim se edifica o imponente hipódromo do

²¹ BALE, J. op. cit., p. 156.

²² Apud BALE, J. op. cit., p. 157.

²³ Sobre a evolução dos equipamentos dedicados ao turfê na Europa, ver o belo álbum de Marc Gaillard (*Les Hippodromes*).

Joquey Club na Gávea (inaugurado em 1926), corrigindo uma “distorção locacional” que a evolução urbana havia imposto ao turfe.²⁴ Este é sem dúvida um processo a ser melhor estudado, sobretudo investigando os vínculos do novo hipódromo com o capital imobiliário.

Retomando o futebol, mas mantendo o foco sobre o mercado de terras urbanas, podemos detectar outros processos que vinculam os esportes com interesses de agentes ligados à especulação imobiliária. Verificou-se por exemplo, na cidade de Montevideu do início do século, o uso do futebol popular (aquele praticado informalmente, em áreas livres) como instrumento de valorização de terrenos em processo de ocupação. Sierra exhibe um cartaz de propaganda de um novo loteamento em 1912 no qual se exalta a disponibilidade de “espacios y canchas para liberar el incontenible deseo de jugar fútbol”.²⁵ No Brasil, também verificamos casos similares. Eclea Bosi, em seu clássico “Lembrança de Velhos”, recolheu depoimentos de antigos moradores da cidade de São Paulo que falam de espaços cedidos por donos de loteamentos para a criação de campos e clubes destinados à prática do futebol. Tal procedimento visaria atrair novos moradores: “quando tinha um clube, vinha o progresso”.²⁶ A aceleração das vendas de lotes populares valorizava a área e, não raramente, uma vez adensado demograficamente o loteamento, o antigo terreno destinado ao futebol era vendido a uma indústria interessada na abundante oferta local de mão-de-obra barata. Trata-se de mais uma estratégia imobiliária de utilização pouco escrupulosa de grupos sociais marginalizados para fins de maximização do lucro.

O campo das identidades territoriais também pode ser visitado a partir do conjunto de vivências propiciado pelo esporte, campo que suscita sentimentos identitários em escalas diversas. Sobre o futebol e a escala nacional, Eric Hobsbawm já afirmou que a nação, essa imaginária comunidade de milhões, esse exercício de abstração difícil para as camadas populares, parece bem mais “real” na forma de um time com onze pessoas e com um nome.²⁷ No Brasil, quando ouvimos o hino nacional, a imagem súbita e mais recorrente que nos advém é a da seleção nacional de futebol postada solenemente no campo, minutos antes de mais um importante confronto internacional.²⁸ Poderíamos recorrer a vários outros exemplos, desde o reiterado uso abusivo do futebol por regimes ditatoriais até o recente processo verificado no Leste Europeu onde, segundo Boniface, cientes de que o futebol ajuda a forjar uma nação (algo fundamental em regiões traumatizadas por conflitos étnicos e separatismos), a primeira manifestação dos novos estados

²⁴ Cf. ABREU, M. de A. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*; e RIBEIRO, M. A. *História da construção do hipódromo brasileiro*.

²⁵ SIERRA, Y. *Domingos obreros en los albores del siglo XX*, p. 208.

²⁶ Apud SEABRA, op. cit., p. 107.

²⁷ HOBBSAWM, E. *Mundos do trabalho*, p. 171. Albrecht Sountag (*Le Football, image de la nation*, p. 31) confirma esta impressão de que o futebol é um dos mais poderosos vetores de identidade nacional na atualidade. Para Ignacio Ramonet (*Football et Passions Nationales*, p. 55), a Copa do Mundo é uma autêntica guerra ritualizada, que reafirma o futebol como o melhor revelador das virtudes de uma nação.

²⁸ JESUS, G. M. *A bola nas redes: futebol, território e conectividade no Brasil*.

independentes foi buscar adesão à FIFA, antes mesmo de procurar a ONU.²⁹

Para não nos estendermos nesta infindável lista de nexos e de possibilidades de tratamento geográfico dos esportes, encerraremos com uma alusão aos grandes eventos esportivos internacionais: os Jogos Olímpicos e as Copas do Mundo. Deles poderíamos extrair diversas questões de interesse para a geografia. O geógrafo Jean-Pierre Augustin,³⁰ por exemplo, trata da dimensão geopolítica dos Jogos Olímpicos, e do quanto estes representam uma vitrine das potências econômicas, alimentando a lógica das profundas desigualdades no plano internacional. Pensamos novamente na urbanização: estes grandes eventos tendem cada vez mais a mobilizar poderosos investimentos nas cidades que os sediam. O caso de Barcelona (sede dos Jogos Olímpicos de 1992) é exemplar pelo impacto produzido na forma urbana, e vem suscitando diversos estudos, direcionados não apenas à cidade de Barcelona.³¹ No Rio de Janeiro, recentemente, a candidatura da cidade a sediar os Jogos Olímpicos de 2004 gerou ampla mobilização popular e inúmeros projetos urbanísticos destinados a preparar a cidade para tal possibilidade. Valeria uma abordagem geográfica da cidade sob esta perspectiva, em várias pesquisas que poderiam abranger a configuração físico-territorial existente, os diversos projetos, o amplo debate suscitado (não apenas entre técnicos e políticos), a reeleitura da cidade e os prováveis impactos da realização dos Jogos Olímpicos, entre outros aspectos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que geografia e esportes formam, à primeira vista, um casamento inusitado, mas com grandes perspectivas futuras. Muitas vezes, trata-se apenas de superar um preconceito para notar que a geografia já produz vias de análise bastante adequadas ao tratamento do fato esportivo. Milton Santos, por exemplo, ao tratar das novas condições da “fluidez” (capacidade ampliada de deslocamento espacial, superando distâncias e “barreiras”), afirma que estas se baseiam em formas, normas e informações universais.³² Os esportes modernos cumprem plenamente estes requisitos, exibindo equipamentos (formas), regras (normas) e informações universais. Por outro lado, Correa, ao propor um elenco de temas para investigação em geografia cultural, cita o “caráter simbólico de prédios, monumentos (...); a cultura popular (variação espacial); os contatos e conflitos culturais resultantes do processo migratório”.³³

²⁹ BONIFACE, P. *Géopolitique du football*, p. 17.

³⁰ AUGUSTIN, J.P. *Sport, géographie et aménagement*, pp. 31-36.

³¹ Em Barcelona, o Centro de Estudos Olímpicos e do Esporte vem publicando amplo material que trata tanto de estudos empíricos (ver MUÑOZ, F. *Historic evolution and urban planning typology of Olympic Villages*) como (e sobretudo) da busca de uma metodologia de planejamento urbano a partir destes grandes eventos esportivos.

³² SANTOS, M. op. cit. p. 219.

³³ CORREA, R. L. *A dimensão cultural do espaço*.

Seguindo suas sugestões podemos, respectivamente, trabalhar com o caráter simbólico dos estádios,³⁴ com o futebol (como lazer popular) e sua variação regional, e ainda com os esportes que se difundiram através de migrações (o futebol e os ingleses, por exemplo).

A geografia dos esportes está apenas sendo esboçada no Brasil, enquanto já conta em certos países (França, EUA, Inglaterra) com notável desenvolvimento.³⁵ Vale citar por exemplo a graduação em *Geography and Sports Science* (The University of Birmingham, UK), voltada para a gestão e planejamento de espaços de recreação e esportes na cidade. A dimensão espacial da atividade esportiva vem sendo reconhecida e mesmo sendo explorada por outras disciplinas no Brasil e no exterior. Como exemplo, podemos citar alguns dos eixos temáticos da *III Conference of the Football Studies Group* (Austrália, julho de 1999): “*global and local fans*”; “*spectating and space in the stadium*”; “*nostalgia, memory and topophilia*”.

No Brasil, vimos que diversos trabalhos realizados por profissionais de outras áreas (isto é, por “não-geógrafos”) tomam em consideração a base territorial e sua dinâmica evolutiva no estudo do fenômeno esportivo. Luiz Carlos Ribeiro,³⁶ por exemplo, observa os impactos da migração estrangeira, do adensamento populacional e da industrialização no espaço urbano de Curitiba como fatores que atuaram na *configuração* dos clubes profissionais de futebol. As condições “geográficas” estão ainda mais explicitamente colocadas no artigo de Edmundo Ribeiro,³⁷ que procura explicar a desigual distribuição espacial dos equipamentos esportivos na cidade de Maputo a partir da herança colonial materializada no espaço urbano. Sem talvez saber, o autor estava mergulhando numa discussão fundamental para os geógrafos: a do papel das formas pretéritas (cristalizadas na paisagem) no acontecer atual. Milton Santos criou o conceito de “rugosidade” para lidar com estas formas de “trabalho morto” no ambiente construído e que atuam como fatores inerciais (e a conclusão de Ribeiro foi justamente a de que a herança colonial de uma cidade fortemente segregada a “engessou” – expressão nossa – de tal forma que 23 anos após a independência nacional a situação se mantém quase intacta). E assim, Santos acredita que “para o tempo atual, os restos do passado constituem aquela espécie de ‘escravidão das circunstâncias anteriores’”.³⁸ Em outras palavras, “a adaptação à modernidade não se submete a leis absolutas: é a velha materialidade que

³⁴ Cf. BALE, J. op. cit. e NEGREIROS, P. L. C. *O estádio do Pacaembu*.

³⁵ Há um sólido grupo de pesquisadores do Departamento de Geografia da Oklahoma State University (Stillwater, EUA), sob a liderança de John Rooney, que desde os anos 70 se dedica ao tema, publicando teses, livros, um belo atlas e um periódico especializado em geografia dos esportes. Nos encontros anuais da Association of American Geographers, os esportes compõem assiduamente há vários anos. Na Inglaterra, destaca-se desde 1976 o geógrafo John Bale (Keele University), autor de dezenas de artigos e livros, sem dúvida o responsável pelo maior volume de publicações na área. Na França, Besançon e Bordeaux (onde se destaca o geógrafo Jean-Pierre Augustin) são importantes centros de pesquisa no ramo.

³⁶ RIBEIRO, L. C. *Metodologia para uma história da formação do futebol profissional*.

³⁷ RIBEIRO, E. R. *A segregação social e as atividades desportivas...*

³⁸ SANTOS, M. op. cit., p. 113.

dissolve o novo tempo e são os tempos do lugar que dissolvem o tempo do mundo”.³⁹

Os esportes constituem sabidamente uma dimensão complexa e multifacetada da realidade social, e seu enfrentamento requer o aporte teórico-metodológico das mais diversas disciplinas acadêmicas. Somente o esforço inter e transdisciplinar poderá dar conta de um fenômeno social tão permeável a variantes políticas, culturais, sociais e econômicas. A geografia, enquanto disciplina devotada ao estudo dos lugares e das relações entre a sociedade e sua “base territorial”, pode contribuir de alguma forma neste amplo desafio, bem como pode enriquecer suas análises sobre a dinâmica espacial incorporando nelas o fenômeno esportivo e as contribuições dos estudiosos deste campo. Ao mesmo tempo, são bem-vindas todas as iniciativas de outros campos do saber em incorporar em suas análises os elementos e fatores da base espacial. Não apenas por sabermos (desde Nibert Elias) que os estudos setoriais do fenômeno esportivo não permitem visualizar sua complexidade, mas também porque o estudo da produção da demanda esportiva de determinada sociedade requer uma perspectiva contextual que envolve o espaço geográfico, suas formas e sua dinâmica. Alguns estudiosos dos esportes como fenômeno social felizmente já perceberam isso.

REFERÊNCIAS

- ABREU, M. A. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.
- AUGUSTIN, J. P. *Les territoires incertains du sport*. *Cahiers de Géographie*, 114 (41), dez. 1997.
- _____. D'un stade à l'autre: le rugby français entre culture local et spectacle mondial. *Les Annales de la Recherche Urbaine*, 70 (130-139), Mars 1996.
- _____. *Sport, Géographie et Aménagement*. Bordeaux: Édition Nathan, 1995.
- BALE, J. *Space, place and body culture: Yi-Fu Tuan and a Geography of Sport*. *Geografiska Annaler*, 78 B (3), 1996.
- _____. *Sports Geography*, London: E. & F.N. Spon, 1989.
- BONIFACE, P. (Org.) *Géopolitique du Football*. Bruxelles: Éditions Complexe, 1998.
- CLÉMENT, J. P. *Contributions of the sociology of Pierre Bourdieu to the sociology of sport*. *Sociology of Sports Journal*, 12, 147-57, Human Kinetics Publishers, 1995.
- CORREA, R. L. *A dimensão cultural do espaço: alguns temas*. Espaço e Cultura, ano 1, n. 1, out./1995.

³⁹ Idem, p. 180.

COSGROVE, D. *A Geografia está em toda a parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas*. In: CORREA, Roberto L. ROSENDAHL, Zeny (orgs.) *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

FERNANDES, R. C. *Esportes radicais: referências para um estudo acadêmico*. *Conexões: educação, esporte, lazer*. v. 1, n. 1, pp. 96-105, Faculdade de Educação Física /Unicamp. Campinas, 1998.

FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 6a. ed., 1986.

GAILLARD, M. *Les Hippodromes*. Paris: La Palatine, 1984.

GEBARA, A. ELIAS, N. e Bourdieu: *novas abordagens, novos temas*. In: Coletânea do VI Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física. Rio de Janeiro, UGF/IHGB/INDESP, pp. 75-81, 1998.

GRATON, Chris *The Economics of Modern Sport*. *Culture, Sport and Society*, 1(1), May 1998.

HOBSBAWM, E. *Mundos do Trabalho: novos estudos sobre história operária*. São Paulo, Paz e Terra, 1991.

HUIZINGA, J. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, coleção Estudos, vol.4, 1996.

JESUS, G. M. *A bola nas redes: futebol, território e conectividade no Brasil*. Programa de Pós-graduação em Geografia da UFRJ. Trabalho desenvolvido para a disciplina "Rede, Espaço, Território: conceitos, imagens, efeitos", em curso ministrado no 2o. semestre de 1997 pela Dra. Lia Osório Machado. (mimeo).

_____. *Fútbol y modernidad urbana: la geografía histórica de una innovación*, in: Lecturas, revista virtual indexada en Educación Física y Deportes, n. 10, mayo 1998, Buenos Aires.

_____. *Construindo a pátria de chuteiras: elementos para uma geografia da difusão do futebol no Brasil*. In: SCHÄFFER, Neiva et al. (orgs.) *Ensinar e Aprender Geografia*. Porto Alegre: AGB, 1998. pp. 93-103.

_____. *Os esportes e os espaços públicos na belle époque carioca*. In: Coletânea do VI Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física. Rio de Janeiro, UGF/IHGB/INDESP, 1998, pp. 329-335.

LUCENA, R. *Sobre a cidade ou próximo a ela*. In: Coletânea do V Encontro de História do Esporte, Lazer e Educação Física, Ijuí: Editora da UNIJUÍ, pp. 44-52, 1997.

MEZZADRI, F. *A formação da sociedade paranaense e sua relação com o esporte (1900 - 1960)*. In: Coletânea do V Encontro de História do Esporte, Lazer e Educação Física, Ijuí: Editora da UNIJUÍ, pp. 355-360, 1997.

CONEXÕES: revista da faculdade de Educação Física da UNICAMP, v. 1, n. 2 p. 47-61, dez. 1999.

ISSN: 1983-930

- MUÑOZ, F. *Historic evolution and urban planning typology of Olympic Villages, Centre d'Estudis Olímpics i de l'Esport*. Barcelona, 1996.
- NEGREIROS, P. L. C. *O estádio do Pacaembu*. In: Coletânea do V Encontro de História do Esporte, Lazer e Educação Física, Ijuí: Editora da UNIJUÍ, p. 31-44, 1997.
- PRONI, M. W. *Marketing e Organização Esportiva: elementos para uma história recente do esporte-espetáculo*. In: *Conexões: educação, esporte, lazer*. v. 1, n. 1, p. 74-84. Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, 1998.
- RAMONET, I. *Football et Passions Nationales*. In BONIFACE, Pascal (org) *Géopolitique du Football*. Bruxelles: Éditions Complexe, 1998.
- RIBEIRO, E. R. *A segregação social e as actividades desportivas no contexto histórico colonial de Moçambique*. In: *Conexões: educação, esporte, lazer*. v. 1, n. 1, p. 56-64, Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, 1998.
- RIBEIRO, L. C. *Metodologia para uma história da formação do futebol profissional (1990-1945)*. In: Coletânea do VI Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física. Rio de Janeiro, UGF/IHGB/INDESP, p. 127-138, 1998.
- RIBEIRO, M. A. *História da Construção do Hipódromo Brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944.
- RODRIGUES, M. *A cidade e o esporte: uma relação na história de Belo Horizonte*. In: Coletânea do VI Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física. RJ: UGF/IHGB/INDESP, p. 364-370, 1998.
- SANTOS, M. *A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção*, São Paulo: Hucitec, 1996.
- SOUNTAG, A. *Le Football, image de la nation*. In BONIFACE, Pascal (org) *Géopolitique du Football*. Bruxelles: Éditions Complexe, 1998.
- SEABRA, O. *Meandros dos Rios nos Meandros do Poder. Tietê e Pinheiros: valorização dos rios e das várzeas na cidade de São Paulo*. Tese(Doutorado), FFLCH, Universidade de São Paulo da USP. 1988.
- SIERRA, Y. *Domingos obreros en los albores del siglo XX*, In: BARRAN, Pedro et alii (orgs.) *Historias de la Vida Privada en el Uruguay (1870-1920)*. Tomo 2, Montevideo: Taurus, 1996.
- SOJA, E. *Thirdspaces: journeys to Los Angeles and other real-and-imagined palces*. Oxford: Blackwell Publishers, 1996.
- _____. *Geografias Pos-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

SÖRLIN, S. Nature, *Skiing and Swedish Nationalism*. In: MANGAN, J.(ed.) *Tribal Identities: nationalism, sport, europe*. Essex (UK): Frank Cass Publishers, 1996.

Gilmar Mascarenhas de Jesus

Universidade de São Paulo

Faculdade de Educação - UNICAMP

Professor do Departamento de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

E-mail: adrigil@marlim.com.br

Referência do artigo:

ABNT

JESUS, M. G. A geografia e os esportes: Uma pequena agenda e amplos horizontes. *Conexões*, v.1, n.2, p. 47-61, 1999.

APA

Jesus, M. G. (1999). A geografia e os esportes: Uma pequena agenda e amplos horizontes. *Conexões*, 1(2), p. 47-61.

VANCOUVER

Jesus MG, A geografia e os esportes: Uma pequena agenda e amplos horizontes. *Conexões*, 1999; 1(2): 47-61.